

SCHERRE, M. M. P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português*. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

## **ASPECTOS DA CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

**Maria Marta Pereira Scherre**  
**UFRJ/UnB**

### **1. INTRODUÇÃO**

A variação na concordância de número no português falado do Brasil tem sido amplamente documentada tanto por dialetólogos quanto por lingüistas. Os primeiros registram-na na fala de pessoas com pouca escolarização e, particularmente, de área rural, enquanto os segundos registram-na fala de pessoas de níveis de escolarização diversos, tanto em áreas urbanas quanto em áreas rurais, de norte a sul do país.

Entre os trabalhos realizados pelos dialetólogos, destacam-se o de Amaral (1920), sobre o dialeto caipira; o de Monteiro (1933) e o de Marroquim (1945), sobre o português popular do Nordeste; o de Nascentes (1953), sobre o linguajar carioca; e o de Melo (1946) sobre o português de formal geral. Entre as pesquisas realizadas pelos lingüistas e, particularmente, pelos sociolingüistas, algumas com uma riqueza de detalhes ímpar, registram-se as que envolvem a concordância verbo/sujeito, a concordância entre os elementos do sintagma nominal e a concordância entre o predicativo e o sujeito.

Em 1974, Jeroslow para fins de sua tese de doutorado, desenvolve uma pesquisa na área rural cearense, e faz uma descrição estruturalista dos diversos subsistemas lingüísticos do falar desta área, com base em dados produzidos por 88 falantes analfabetos ou semi-analfabetos. Entre os diversos aspectos descritos, registra a variação na concordância de número quer verbal quer nominal.

Mas estudos sistemáticos sobre fenômenos variáveis no Brasil, utilizando-se de princípios teóricos e metodológicos da teoria da variação lingüística laboviana, iniciam-se com a pesquisa sobre concordância verbo/sujeito (Lemle & Naro (1977)), com base na fala de 20 pessoas cariocas semi-escolarizadas da área urbana do Rio de Janeiro, freqüentando na época o curso de alfabetização de adultos - a amostra do projeto Competências Básicas do Português, coordenado pela professora Miriam Lemle. Estes estudos seguem seu curso com Naro (1981) e Guy (1981), com dados desta mesma amostra. Paralelos e posteriores a estes trabalhos pioneiros, encontram-se uma série de outros, alguns dos quais se transformaram-se dissertações de mestrado: em 1977, Gryner trabalha dados de falantes da cidade de Petrópolis, elicitados através de aplicação de testes; em 1979, Motta analisa a fala de 34 adolescentes com 8 anos de escolarização, de nível sócio-econômico baixo de bairros populares de Salvador; em 1984, Nicolau pesquisa dados de 32 pessoas de Belo Horizonte com níveis de escolarização diversos: de primeiro

ao terceiro grau (1 a 11 de escolarização); em 1987, Rodrigues analisa dados coletados de 40 pessoas residentes em favelas de São Paulo de procedência geográfica diversificada, e de graus de escolarização diferentes (analfabetos e primeiro grau); em 1991, Graciosa analisa dados de 18 falantes universitários cariocas do projeto Norma Urbana Culta (NURC) do Rio de Janeiro. Desenvolvendo sua tese de doutorado em 1985, Bortoni-Ricardo trabalha dados de 80 falantes da zona rural da região do Alto Parnaíba em Minas Gerais radicados em Braslândia, cidade satélite de Brasília. Em 1991, 1992 e 1993 Scherre & Naro publicam três artigos, a partir de análises feitas com base em dados de 64 falantes cariocas com 1 a 11 anos de escolarização, o *Corpus Censo* do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL);

As análises envolvendo a concordância entre os elementos do sintagma nominal já cobrem também uma gama ampla de dados analisados. Os primeiros estudos foram feitos por Braga & Scherre (1976), quando analisaram dados de sete falantes residentes no Rio de Janeiro, mas de classe social e procedência geográfica distintas. A seguir, Braga (1977) desenvolveu sua dissertação de mestrado a partir de dados de sete falantes de classe média e baixa do Triângulo Mineiro. Em 1978, Scherre, também a propósito de dissertação de mestrado, analisou dados de 10 falantes da área urbana do Rio de Janeiro, seis semi-escolarizados, alunos do Movimento Brasileiro da Alfabetização (MOBRAL), três universitários e um com 11 anos de escolarização. Em 1979 e 1980, duas outras dissertações de mestrado foram realizadas: Ponte (1979) estudou dados de 20 falantes semi-analfabetos de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e Nina (1980) trabalhou dados de 20 falantes analfabetos da micro-região bragantina, Estado do Pará. Em 1981, também com dados da pesquisa Competências Básicas já citada, Guy analisou a concordância de número entre os elementos do SN. Em 1988, Scherre retoma o tema, e desenvolve sua tese de doutorado, reanalisando a concordância nominal a partir dos dados do *Corpus Censo* do PEUL. E, em 1993, Dias analisa dados de 20 falantes brasilienses com quatro anos de escolarização, 10 da área urbana e 10 da área rural. Ainda em 1993, Campos e Rodrigues pesquisam dados de um corpus mínimo compartilhado do projeto NURC, um total de 450 minutos de fala de pessoas universitárias de cinco capitais brasileiras: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife e Porto Alegre.

A análise da concordância predicativo/sujeito, de forma específica, foi feita por Scherre (1991), também com base em dados extraídos do *Corpus Censo*.

O registro dos trabalhos feito acima, que não se supõe exaustivo, evidencia com clareza que o fenômeno da variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda a comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que de princípio, ou seja, as diferenças são mais relativas à quantidade de marcas de plural e não aos contextos lingüísticos nos quais a variação ocorre. Dos trabalhos realizados, conclui-se, portanto, que o fenômeno da variação de número no português do Brasil pode ser caracterizado como um caso de variação lingüística inerente, tendo em vista que ocorre em contextos lingüísticos e sociais semelhantes e apresenta tendências sistemáticas de variação altamente previsíveis.

Posto isto, pretendemos, a seguir, em primeiro lugar, apresentar alguns resultados da concordância de número nos três fenômenos supra-citados: concordância verbo/sujeito; concordância entre os elementos do SN e concordância e da concordância predicativo/sujeito, focalizando particularmente os resultados da variável lingüística saliência fônica e das variáveis sociais sexo e anos de escolarização.

## 2. BREVE VISÃO DE CONJUNTO DO TRABALHO SCHERRE (1988)

As estruturas que analisei em 1988 foram extraídas do banco de dados do *Corpus Censo* do PEUL, grupo de pesquisa sediado no Departamento de Lingüística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este banco de dados é constituído de 64 gravações de 60 minutos cada com 64 falantes – 48 falantes adultos (15-71 anos) e 16 crianças (7-14 anos), estratificados em função do sexo, anos de escolarização (1 a 4, 5 a 8 e 9 a 11) e faixa etária (7-14, 15-25, 26-49 e 50-71).

Extraí da amostra todos os sintagmas nominais plurais passíveis de variação não prevista pela tradição gramatical brasileira, constatando que, na amostra de fala analisada, a marca explícita de plural pode ser encontrada (1) em todos os elementos flexionáveis do SN (*os fregueses/novas escolas/suas tias/as boas ações/essas coisas todas /as partidas todas iguais/os meus ainda mais velhos amigos*); (2) em alguns elementos flexionáveis do SN (*essas estradas nova0/do0 meus pais/as minhas duas filha0/as mulheres ainda muito mais antiga0*); (3) em apenas um dos elementos flexionáveis do sintagma nominal (*as codorna0/uns troço0/as porta0 aberta0/os documento0 dela todinho0*); (4) em nenhum dos elementos flexionáveis do SN (*dois risco verde/uma porção de coisa interessante*).

Trabalhei com a concordância nominal sob duas perspectivas: uma atomística, em que cada elemento flexionável do SN é uma unidade de análise, e outra não atomística, em que a unidade de análise é o SN inteiro como um todo. Em ambas as perspectivas, considerei duas variantes: presença (variante marcada) *versus* ausência (variante não marcada) da forma explícita de plural. Na perspectiva atomística, considerei a presença *versus* ausência em cada um dos elementos flexionáveis do SN. Na perspectiva não atomística, considerei a presença de marca em todos os elementos flexionáveis do SN *versus* ausência de marca em pelo menos um dos elementos flexionáveis do SN.

Na perspectiva atomística, analisei um total global de 13229 elementos nominais a partir de um total aproximado de 7000 SNs. Os dados dos falantes adultos perfazem um total de 11083, com 7978 itens com marcas explícitas de plural (72%) e os dados das crianças totalizam 2146, com 1407 explicitamente marcados (65%). Na perspectiva não atomística, analisei 948 SNs de mais de dois elementos apenas dos falantes adultos. O percentual de SNs de mais de dois elementos com todas as marcas é da ordem de 51%. Na análise do fenômeno sob a perspectiva atomística levei em conta 11 variáveis lingüísticas e seis variáveis sociais e na perspectiva não atomística, nove lingüísticas e três sociais.

A análise dos dados foi feita com base nos princípios teóricos da teoria da variação (Labov, 1975a;1975b; Cedergren & Sankoff, 1974;), utilizando-se também de noções funcionalistas diversas (cf., por exemplo, Kiparsky, 1972; Haiman,1983; Du Bois, 1984; Nichols, 1984; Cornish, 1986; Pontes, 1987).

Para o tratamento quantitativo dos dados usei um conjunto de programas computacionais apropriados (Sankoff, 1977;1988; Rousseau & Sankoff, 1978; Naro & Votre, 1980, Pintzuk, 1988), que fornecem, como produto final, pesos relativos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores considerados, bem como a seleção destes grupos em função de sua relevância para a variação do fenômeno analisado. Os pesos relativos atribuídos indicam o efeito que cada um dos fatores tem sobre as variantes do fenômeno lingüístico analisado, no caso em questão sobre a variante de plural explícita (presença).

Entre os quatro grandes objetivos de meu trabalho, vou apresentar aqui parte do primeiro deles, que consiste em descrever e explicar um conjunto de variáveis lingüísticas e não lingüísticas que regem a sistematicidade da variação na concordância de número entre os elementos do SN no português do Brasil. Com isto, evidencio que existe um sistema gerenciando esta variação, sendo, portanto, possível se prever em que estruturas lingüísticas e em que situações sociais os falantes são mais propensos a colocar ou não todas as marcas formais de plural nos elementos flexionáveis do SN no português do Brasil.

### 3. RESULTADOS DAS VARIÁVEIS POSIÇÃO E CLASSE GRAMATICAL

Os resultados que vou apresentar a seguir, com base apenas nos dados dos adultos, envolvem uma análise minuciosa dos grupos de fatores posição linear do elemento no SN e classe gramatical do elemento nominal (cf. Scherre, 1988, p.142-241), Scherre (1993, no prelo), Naro & Scherre (1993, p.444-449)). Através desta análise, evidencio que as abordagens que consideram apenas o grupo posição (cf, por exemplo, Braga & Scherre, 1976; Braga, 1977; Scherre, 1978; Guy, 1981a, para o português do Brasil) ou consideram apenas o grupo classe gramatical (cf., Cedergren, 1973, para o espanhol do Panamá) ou consideram posição e classe gramatical como variáveis separadas (cf. Poplack, 1981, para o espanhol de Porto Rico) ou consideram que as duas variáveis se equivalem (cf. Guy, 1981b) não dão conta da questão de forma adequada.

Em síntese, mostro que, com relação a estas variáveis, a melhor forma de se entender a variação na concordância no português do Brasil é através do cruzamento entre elas. Cheguei, portanto, à conclusão de que não é apenas a posição linear ou a classe gramatical isoladamente que dá conta da variação na concordância de número, mas sim a interrelação entre elas, bem como a relação que se estabelece entre os determinantes e o núcleo do SN. Os resultados numéricos obtidos através desta nova análise encontram-se na tabela 1.

Com base nos resultados obtidos, pude generalizar que recebem mais marcas de plural explícitas todos os elementos nominais determinantes antepostos ao elemento nominal determinado ou núcleo (**novas** escolas/**aquelas** cruzinha toda/**os próprios** vagabundo/**os piores** nome feio/**todos os** anos/**os meus** filho) e recebem menos marcas explícitas de plural todos os elementos nominais determinantes pospostos ao núcleo (essas estradas **nova**/dez senhoras lá **sentada**/aquelas pessoas assim bem **esquisitinha**/três colega **meu**/essas bestera **toda**).

Tabela 1

Influência das variáveis posição e classe gramatical na presença de marcas explícitas de plural nos elementos do SN

Fatores	Freqüência	Peso relativo
Determinantes antepostos ao núcleo na 1ª posição do SN	4065/4167 = 98%	0,87
Determinantes antepostos núcleo na 2ª posição do SN	305/317 = 96%	0,86
Determinantes pospostos na 2ª posição do SN	95/139 = 68%	0,26
Determinantes pospostos nas demais posições do SN	151/430 = 35%	0,13
Núcleos na 1ª posição do SN	165/173 = 95%	0,70
Núcleos na 2ª posição do SN	2864/5320 = 54%	0,21
Núcleos nas demais posições do SN	333/537 = 62%	0,25
Total	7978/11083= 72%	

Os elementos nominais determinados ou nucleares, por sua vez, são mais sensíveis à posição que ocupam dentro do SN: são explicitamente mais marcados os núcleos que ocupam a primeira posição do SN (**coisas lindas/eles todo**), menos explicitamente marcados os que ocupam a segunda posição dentro do SN (**os menino/uns troço/dois ano/os cara/esses canto/ todos ele/essa carne congelada/essas miséria todinha**) e, aparentemente surpreendente, são um pouco mais marcados do que os da segunda os núcleos que ocupam a terceira, quarta ou quinta posição (**os outros colégios/as minha duas filha /os meus ainda velhos amigos**).

Em síntese, os resultados acima refletem de forma inequívoca o fato de que todos os elementos determinantes à esquerda do núcleo tendem a receber mais marcas explícitas de plural enquanto aqueles à direita do núcleo tendem a receber menos marcas explícitas de plural. Refletem também o fato de os núcleos na primeira posição se apresentarem com mais marcas explícitas de plural do que os da segunda e os das demais posições. E refletem ainda um ligeiro aumento de marcas explicitadas nos núcleos que ocupam a terceira, quarta ou quinta posição.

#### 4. RESULTADOS DAS VARIÁVEIS LOCALIZAÇÃO DO SN NA ORAÇÃO E CONFIGURAÇÃO SINTAGMÁTICA DO SN

Buscando um maior entendimento do fenômeno sob análise, a particularmente das variáveis posição e classe gramatical sob a perspectiva atomística, analisei 948 SNs de mais de dois elementos sob a perspectiva não atomística, considerando o sintagma inteiro como dado de análise. Vou apresentar neste texto resultados de apenas dois grupos de fatores, os diretamente relacionados à posição e classe gramatical na perspectiva atomística: localização do SN na oração e configuração sintagmática do SN.

Pela análise do grupo de fatores localização do SN na oração pode verificar que o SN que se localiza à esquerda da oração tende a vir com todas as marcas explícitas de plural e o que vem à direita ou em posição indistinta tende a se apresentar com menos marcas explícitas de plural. Portanto, o mesmo fenômeno observado entre os elementos do sintagma nominal também se verifica na ordem que os sintagmas estabelecem em termos oracionais. Para submeter os dados à uma análise quantitativa, codifiquei os 948 SNs da seguinte forma:

1) Localização à esquerda:

- **As outras** pessoa taca garrafa..
- Ah! O Carnaval é... Carnaval eu gosto. **Todos os anos** eu vou assistir escola de samba.

2) Localização à direita:

- A gente não consegue levar **todas as informações**, né?
- Pelé teve **seus momento bom**.

3) Localização indistinta:

- Eu devia ter o quê? **Uns dezoito anos**.
- Que nem **os nosso pai**.

Os resultados obtidos são apresentados na tabela 2.

TABELA 2  
INFLUÊNCIA DA LOCALIZAÇÃO DO SN NA ORAÇÃO NA PRESENÇA DE MARCAS EXPLÍCITAS DE PLURAL NO SN

LOCALIZAÇÃO DO SN	Freqüência	%	Peso relativo
À esquerda da oração	112/178	= 63	0,61
À direita da oração	349/712	= 49	0,48
Indistinta	23/58	= 40	0,41
Total	484/948	= 51	

Retomando a conclusão estabelecida a partir da análise feita nas duas perspectivas, a de que a posição mais à esquerda favorece mais marcas explícitas de plural, levanta-se a hipótese de que esta influência possa ser interpretada à luz da proeminência da posição de tópico, a posição à esquerda. É interessante lembrar aqui que diversas pesquisas a respeito da variação na concordância verbal também evidenciam que o sujeito antes do verbo, ou seja, à sua esquerda também propicia mais concordância verbal, enquanto o sujeito depois do verbo, ou seja, à sua direita, reduz drasticamente a referida concordância verbal, na fala de falantes de qualquer nível de escolarização em português (cf., por exemplo, Lemle & Naro, 1977; Naro, 1981; Graciosa, 1991), chegando inclusive a se manifestar na escrita padrão, o que pode ser ilustrado por dados extraídos de textos escritos "legitimados": "**Segue abaixo as especificações**"; "**Sairá** das AD's **caravanas** de docentes para participarem deste evento" e "No pagamento de junho **será distribuído** a cada servidor **dois contra-cheques**".

A interpretação do comportamento do núcleo em função da posição será considerada oportunamente.

A análise dos dados à luz da variável configuração sintagmática me levou a estabelecer uma série de conclusões bastante esclarecedoras. Pode verificar que determinadas configurações sintagmáticas favorecem nitidamente

sintagmas com todas as marcas de plural, enquanto outras favorecem sintagmas sem todas as marcas de plural. Por exemplo, a configuração [+determinante definido (...) +substantivo] favorece sintagmas com todas as marcas explícitas de plural enquanto a configuração [-determinante definido (...) -substantivo] favorece sintagmas com menos marcas explícitas. Na tabela 3, apresento exemplos e resultados da análise desta variável.

TABELA 3  
INFLUÊNCIA DA CONFIGURAÇÃO SINTAGMÁTICA DO SN NA PRESENÇA DE MARCAS EXPLÍCITAS DE PLURAL NOS SNs

CONFIGURAÇÃO SINTAGMÁTICA	Frequência %	Peso relativo
<b>+ART.DEF. ... +SUBST.</b> <b>+QUANT.</b> (todos os dias/os meus filhos)	261/398 = 66	0,68
<b>-ART.DEF. ... -SUBST.</b> (aquelas rendas todas/três colega meu)	57/211 = 27	0,37
<b>-ART.DEF. ... +SUBST.</b> (tantas outras famílias/ esses trinta dia)	90/166 = 54	0,57
<b>+ART.DEF. ... -SUBST.</b> <b>+QUANT.</b> (as danças todas/os camarada meu)	61/128 = 48	0,50
<b>+ART.DEF. ... CAT.SUBST.</b> (os melhores possíveis/os maiores prejudicado)	12/14 = 86	0,80
<b>ESTRUTURA COMPOSTA</b> (esses médicos-psiquiatra/três banana-prata)	3/31 = 10	0,13
Total	484/948 = 51%	

Eis a síntese de minhas conclusões:

1) A presença de artigo definido ou do quantificador, na primeira posição do SN, e a presença de substantivo ou categoria substantivada, na última posição do SN, são duas forças poderosas no sentido de provocarem a presença de todas as marcas de plural em todos os elementos flexionáveis do SN.

2) A presença de qualquer outra classe gramatical que não seja artigo definido ou quantificador, na primeira posição do SN, e a presença do adjetivo, do possessivo ou do quantificador, na última posição do SN, são igualmente duas forças poderosas no sentido de desfavorecer a presença de SNs com todas as marcas.

3) O cruzamento das categorias mencionadas em 1 e 2 mostra o equilíbrio das duas forças no sentido de influenciar a presença de SNs com todas as marcas.

4) A estrutura sintagmática composta desfavorece a existência de SNs totalmente marcados,

Considerarei duas hipóteses para a interpretação destes resultados. Uma delas tem a ver com a presença do traço [+definido]. Este traço é discursivamente mais saliente e coerente com a noção mais ampla de saliência estabelecida por Naro (1981) de que quanto mais saliência mais concordância, quanto menos saliência menos concordância. Na linha desta interpretação, poder-se-ia generalizar a influência da posição à esquerda favorecendo também a concordância: por ser ela uma posição de tópico, e também mais saliente. A associação entre o traço [+definido] e a noção de saliência, por um

lado, daria conta da diferença entre a configuração [+def. (...) +subst.] e (0,68) e a configuração [-def. (...) +subst.] (0,57). Isto também daria conta, em parte, da baixa atribuição de marcas aos casos de “estrutura composta”, separados dos demais casos por já haver previsão na tradição gramatical brasileira de possibilidade de não concordância em alguns casos deste tipo. Olhando-os de forma mais detida, foi possível verificar que, dos 3 casos de compostos com todas as marcas, em 31, dois se iniciam por artigo definido (**os** ares-condicionados/**os** piores nomes-feios) de um total de 10 com [+definido] (20%) e um se inicia por um artigo indefinido (**uns** navios-patrolhas) de um total de 21 com [-definido] (5%). Isto significa dizer que, mesmos nestes casos, a presença do traço [+definido] também exerce influência favorecedora da marca explícita.

A outra hipótese que levantei para explicar a influência da variável configuração é a da coesão sintagmática. Verifiquei que os únicos sintagmas que aceitam elementos entre eles, modificadores ou não, são os que têm como último constituinte uma categoria com o traço [-substantivo], ou seja, [-núcleo]. Não são raros SNs do tipo “os irmãos **mais** novos”, “as conta **muito** certa”, “as conta **quase** toda”, “os documento **dela** todinho”. Todavia, entre nos SNs com configuração [+/-def (...) +subst.] raramente se encontra qualquer segmento interveniente. Entre, aproximadamente, 7000 SNs analisados, encontrei apenas um caso do tipo “os meus **mais** velhos amigos”. A quase totalidade dos SNs do tipo “os meus filhos”, “todas as pessoas”, “algumas outras coisas” não apresenta, portanto, segmentos intervenientes entre quaisquer de seus constituintes.

Os SNs cujos constituintes aceitam ser separados por quaisquer elementos têm uma relação sintagmática menos coesa; e o menor número de marcas nesta situação deve ser visto como índice da menor ligação entre estes constituintes. Inversamente, os SNs cujos constituintes não aceitam ser separados marcam formalmente esta inseparabilidade através de mais inserção do morfema de plural. Esta hipótese dá conta do fato de os sintagmas que têm o substantivo como seu último constituinte não privilegiarem estruturas do tipo s00 - marca explícita, zero, zero - (As ota menina; Nos primero capítulo). Há apenas 15 casos deste tipo num total de 595 (2%) (cf. Scherre, 1988, quadro 6.2.3.17, p.190). Estas construções são do tipo mais coeso.<sup>1</sup>

Há, portanto, de forma geral, uma relação direta entre o grau de coesão sintagmática entre os elementos do SN e o número de marcas existentes: mais coesão sintagmática mais marcas; menos coesão sintagmática menos marcas.

Buscando a interpretação do comportamento do núcleo em função da posição, em termos atomísticos, considero que a conjugação da idéia da coesão sintagmática com a da proeminência da posição à esquerda dá conta de interpretar o comportamento do substantivo que ocupa ou a primeira ou a terceira posição. A primeira posição é exatamente a posição mais à esquerda do núcleo e a maior parte dos elementos que ocupam esta posição é constituída de elementos não nucleares: dos 4340 elementos flexionáveis que ocupam a primeira posição 4167 (98%) são não nucleares e destes 4167 apenas 102 não possuem marca explícita de plural, ou seja, os elementos não nucleares recebem marca em 98% das vezes (4065/4167). E dos 173 núcleos que se encontram nesta posição, 165 são também explicitamente marcados: 95%. Portanto, as categorias nucleares que aí ocorrem recebem a influência



dos determinantes que se encontram à esquerda da núcleo na primeira posição.

E certamente não se trata de mera posição superficial. Se assim o fosse, os determinantes ou elementos não nucleares que ocorrem na segunda posição seriam pouco marcados. Diferentemente da primeira posição, a segunda é predominantemente ocupada por substantivos (5194), categorias substantivadas (93) e pronomes pessoais de terceira pessoa (33) - as categorias nucleares -, num total de 5320. Portanto, dos 5776 elementos flexionáveis que ocupam a segunda posição, 5320 são núcleos: 92% dos casos. Dos 5320, apenas 2864 apresentam as marcas explícitas de plural: 54%. Mas os núcleos não transferem o seu comportamento aos determinantes ou elementos nucleares que ocupam a segunda posição: dos 456 que se encontram nesta posição, 400 são explicitamente marcados: 88%. E mais: destes 400, os que ocorrem à esquerda do núcleo são marcados em 96% das vezes (305/317) e os que ocorrem à direita do núcleo são marcados em apenas 68% (95/139).

Frisando, o núcleo da primeira recebe a força da proeminência da primeira posição à esquerda do núcleo e, portanto, exibe mais marcas explícitas de plural. Isto é tão verdadeiro que até elementos não flexionáveis que ocuparem a primeira posição podem receber marca explícita de plural. Em meu próprio dialeto, o dialeto do interior de Minas Gerais, ocorrem estruturas do tipo “**Ques menino levado!**” alternando com “**Que meninos levados!**”.

Conforme já exemplifiquei, os núcleos da terceira posição, por sua vez, estão sistematicamente inseridos dentro de uma estrutura mais coesa e, portanto, são mais explicitamente marcados.

Só resta interpretar o comportamento relativamente desfavorecedor da marca explícita de plural do núcleo que ocupa a segunda posição no sintagma. Os elementos nucleares que ocorrem nesta posição apresentam-se em duas grandes configurações sintagmáticas:

1) uma constituída de dois elementos em que a questão da coesão nos termos até então caracterizados pouco se coloca (outros aspectos do tipo “equilíbrio sintagmático”, ainda não devidamente aprofundados, certamente entram em jogo: sintagmas do tipo substantivo + adjetivo (**casas lindas**) ou adjetivo + substantivo (**grandes viagens**) apresentam as duas marcas com maior frequência do que sintagmas do tipo artigo + substantivo (**as casa**) ou numeral + substantivo (**dois menino**). Ocorre apenas um caso de substantivo na primeira posição em um sintagma de três elementos: **problemas** existenciais muito atual.

2) outra constituída de [det.+ substantivo + -susbt.] (**dois susto bem grande/as casa mais antiga/uns negócio todo**), ou seja, do tipo considerado menos coeso, em que, conforme já foi visto, ocorre menos marcas explícitas de plural.

Em síntese, considero que as variáveis em questão devem ser interpretadas em função da saliência da posição, da saliência do traço [+definido] e da coesão sintagmática. Todavia, são descartado a possibilidade de reanalisar o fenômeno com base em categorias de uma abordagem tipo gerativa com um objetivo bastante claro: o de entender a real natureza da variação da concordância de número no português do Brasil.<sup>2</sup> E a meu ver isto se faz necessário por, pelo menos duas razões: (1) sei, por um lado que, além de a variação da concordância de número na fala de não ser específica do

português do Brasil (o espanhol e o francês evidenciam fenômenos análogos), ela também se verifica na escrita, até mesmo na escrita padrão, particularmente no que se refere à concordância verbo/sujeito e (2) sei também, por outro lado, que há um componente de contexto de interação muito forte na quantidade de variação na concordância de número no português do Brasil

## 5. SOBRE A VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBO/SUJEITO NA ESCRITA PADRÃO

Com relação à variação na escrita, em particular na escrita padrão, tenho evidências suficientes para concluir que ela não se restringe aos casos arrolados pelas gramáticas brasileiras (cf., por exemplo, Ribeiro, 1930; Cunha & Cintra, 1985; Faraco & Moura, 1992), mas envolve quatro grandes configurações estruturais apenas parcialmente previstas, sintetizadas e exemplificadas abaixo.

### 1) Construções com sujeitos pospostos, independentemente de serem com-postos.

- . Mas se a população de rua não for retirada de nada **ADIANTARÃO medidas** de segurança
- . **SAIRÁ** das AD's *caravanas* de docentes para participarem deste evento

### 2) Construções com sujeito simples de estrutura de estrutura complexa, independentemente de expressarem noções quantitativas, coletivas ou partitivas.

- . Um grupo de artistas **ESTAVA** sábado à noite no Cine Ricamar
- . um grupo de *turistas* **CHEGAM** a uma aldeia de canibais e vão a um restaurante
  
- . A *programação* das grandes emissoras **REFLETE** sua linha de pensamento
- . A *apresentação das cores em duetos* **OBEDECEM** a uma harmonia que atende a todos os estilos de maquiagem.

### 3) Construções com sujeito de estrutura complexa que expressam percentual

- . **70% ACHAM** que o presidente conseguirá encontrar ...
- . **59% ACHA** que o governo é a favor dos ricos.
  
- . Ela diz que **90% dos prematuros SAEM** da maternidade mamando.
- . **64% de pesquisados RECEBE** no máximo uma visita por semana.
  
- . **75% da população APÓIAM** a entrada de Erundina no ministério, e...
- . **77% do setor privado já DÁ** o reajuste de mais de 60%.

### 4) Construções com sujeito composto singular de estrutura complexa

- . O *crescimento e o dinamismo* da economia da Tailândia **SÃO** incompatíveis com a tradição de compra de votos.
- . A *atuação da máfia do contrabando e o crescente interesse de comerciantes em descarregar mercadorias em bancas de camelô* **ESTÁ** inflacionando o mercado do asfalto.

A conclusão a que já cheguei, através da análise de um número significativo de casos, é a seguinte: a concordância verbo sujeito é sempre regida pelo

núcleo do sujeito, se o sujeito em jogo tiver um só núcleo de estrutura sintagmática simples anteposto ao verbo. Nos demais casos, outros elementos podem entrar em jogo para assumir o controle da concordância. Por exemplo, em casos de sujeito de um só núcleo de estrutura complexa, o controle da concordância também pode ser assumido pelo núcleo do sintagma nominal inserido no sintagma preposicional; e, se houver mais de um sintagma preposicional, quem vai comandar a concordância é o núcleo do sintagma nominal que se encontra inserido no sintagma preposicional na posição mais alta, ou seja, mais à esquerda na construção sintática (cf., também, Saraiva & Bittencourt (1990); Scherre (1993); Scherre, Almeida & , no prelo). Esta tipo de variação também pode ser encontrada em textos escritos do português de Portugal como atesta o seguinte dado, extraído de um texto de um autor português: “*A interpretação semântica atribuída às expressões derivadas pelo sistema formal PODEM SER DETERMINADAS por regras “tardias” do próprio sistema, ou...*” Além do mais, variação semelhante já é encontrada no português arcaico, como muito apropriadamente registra Mattos e Silva (1991, p.70-71).

## **6. SOBRE A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO INTERACIONAL NA CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

As evidências a respeito da influência do contexto de interação são indubitáveis. A mais forte da qual tenho conhecimento é através do trabalho de Pereira (1993) que analisou dados “de um mesmo falante de grau de escolaridade superior, pertencente à classe média alta, administrador de uma fazenda” (p.2) em três situações interacionais diferentes: interagindo com o patrão, interagindo com a família e interagindo com os empregados. As respectivas taxas globais de marca explícita de plural nos verbos, nos elementos do SN e entre o sujeito e o predicativo nas três situações interacionais são as seguintes: conversando com o patrão: (42/43) 98%, (57/63) 90%, (3/3)100% conversando com a família: (42/46) 91%; (67/130) 52%, (5/12) 42%; conversando com os empregados: (11/46) 24%, (59/142) 42%, (0/6) 0%. Mesmo a situação interacional se evidenciando como tão forte, os contextos lingüísticos mais favorecedores de marcas explícitas de plural são exatamente os previstos pelos trabalhos de Lemle & Naro (1977) e Naro (1981) para a concordância verbo/sujeito e pelos de Scherre (1988; 1991) para a concordância entre os elementos do sintagma nominal e para concordância predicativo/sujeito.

## **7. CONCLUSÃO**

Por tudo que apresentei ao longo deste artigo, verifica-se que a variação na concordância no português falado do Brasil está definitivamente internalizada nas mentes de seus falantes. Neste momento da língua, trata-se de uma variação inerente, altamente estruturada em função de aspectos lingüísticos e sociais. E, pelo menos em termos de escrita, pode-se levantar a hipótese de a variação não ser específica do português do Brasil. E até que ponto as variações encontradas podem ser interpretadas como um processo de descrioulização é uma pergunta que ainda está por ser respondida.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. (1920) *O dialeto caipira*. São Paulo, O Livro.
- BORTONI-RICARDO, S. M. (1985). *The urbanization of rural dialect speakers - A sociolinguistic study in Brazil*. New York, Cambridge University Press. 265p.
- BRAGA, M. L. (1977). *A Concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro*. PUC, Rio de Janeiro, 88p. Dissertação de Mestrado, inédito.
- BRAGA, M. L. & SCHERRE, M. M. P. (1976) A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 1º, 1976. *Anais ...* Rio de Janeiro, PUC. p.464-477.
- CEDERGREN, H. (1973). *J. The interplay of social and linguistic factors in Panama*. Cornell University, Ph.D. Dissertation.
- CEDERGREN, H. J. & SANKOFF, D. (1974) . Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, 50(2):332-55.
- CORNISH, F. (1986). *Anaphoric relations in English and French: a discourse perspective*. Great Britain, Biddles Ltd, Guildford and Kingis Lynn. 242p.
- CAMPOS, O.G.L.A.S & RODRIGUES, A. C. (1993). Flexão nominal: indicação de pluralidade no sintagma nominal. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do português falado. Vol.II: Níveis de*
- CUNHA, C. e CINTRA, L.F. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- DIAS, M. C. A. C. (1933). *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. UnB, Brasília, Dissertação de Mestrado, inédito.
- DU BOIS, J. W. (1984). Competing motivations. In: HAIMAN, John. *Iconicity in syntax*. Amsterdam, John Benjtiming. p.342-65.
- FARACO, C. E. & MOURA, F.M. (1992). *Gramática*. 10ª ed. São Paulo, Ática. 487p.
- GRACIOSA, D. M. D. (1991). *Concordância verbal na fala culta carioca*. UFRJ, Rio de Janeiro. 99p. Dissertação de Mestrado, inédito.
- GRYNER, H. (1977). *A variação de concordância com verbos impessoais na cidade de Petrópolis*. UFRJ, Rio de janeiro. 139p. Dissertação de Mestrado, inédito.
- GUY, G. R. (1981a) *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, University of Pennsylvania. 391p. Ph.D. Dissertation, mimeo.
- . Parallel Variability in American dialects of Spanish and Portuguese. In: SANKOFF, David. & CEDERGREN, Henrietta. (eds.). **Variation Omnibus**. Canada, Linguistic Inc., 1981b. p.85-93.
- HAIMAN, J. (1983). Iconic and economic motivation. *Language*, LSA, 59(4):781-819.
- JEROSLOW, E. H. M. (1974) *Rural Cearense Portuguese: a study of one variety of nonstandard Brazilian speech*. Cornell University dissertation.
- KIPARSKY, P. (1972). Explanation in Phonology. In: PETERS, Stanley. (ed.). *Goals of linguistic theory*. New Jersey: Prentice Hall. p.189-225.

- LABOV, W. (1975a). *Sociolinguistics patterns*. 3. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 343p.
- \_\_\_\_\_. (1975b). *Language in the inner city*. 3. ed. Philadelphia, University of Pennsylvania press. 412p.
- LEMLE, M. & NARO, A. J. (1977). Competências básicas do português. *Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford*. Rio de Janeiro. 151p.
- LOBATO, L. M. P. (1994). A concordância nominal no português do Brasil à luz da teoria de princípios-e-parâmetros e da sociolingüística variacionista. inédito.
- MARROQUIM, M. (1945). *A língua do nordeste - Alagoas e Pernambuco*. 2. ed. São Paulo, Nacional.
- MATTOS & SILVA, R. V. (1991). Caminhos de mudança sintático-semântica no português arcaico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, UNICAMP, (20):59-74.
- MELO, G. C. de. (1946). *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro, Agir.
- MONTEIRO, C. do R. (1933) *A linguagem dos cantadores*. Tese apresentada em concurso à Congregação do Colégio Pedro . Rio de Janeiro.
- MOTTA, E. C. de M. ( 1979). *Escolarização e variação lingüística*. UNICAMP, Campinas. 124p. Dissertação de Mestrado, inédito.
- NARO, A. J. (1981) .The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*. LSA, 57(1):63-98.
- NARO, A. J. & VOTRE, S. J. (1980). *SWAVA: Sistema SWAMINC/VARBRUL (Manual do Usuário)*. UFRJ. mimeo
- NARO, A. J. & SCHERRE, M. M. P. (1933). Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*. São Paulo, Educ, 9(nº Especial):437-454 . Simões.
- NICHOLS, J. (1984). Functional theories of grammar. In: ANN-REV. ANTHROPOLOG. Berkeley, University of California, Slavic Department. p.9-117.
- NASCENTES, A. (1953). *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro, Organização
- NICOLAU, E. M. das D. (1984). *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolingüística*. UFMG, Belo Horizonte. 166p. Dissertação de Mestrado, inédito.
- NINA, T. de J. C. (1980). *Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região de Bragantina*. PUC, Rio Grande do Sul. 165p. Dissertação de Mestrado, inédito.
- PEREIRA, Andréa Kluge. (1993). As concordância nominal, verbal e nos predicativos em função das situações de fala de um único falante. UnB, Brasília. inédito.
- PINTZUK, S. (1988). *VARBRUL programs*. inédito.
- PONTE, V. M. L. (1979). *A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre*. PUC, Rio Grande do Sul. 215p. Dissertação de Mestrado, inédito.
- RIBEIRO, J. (1930). *Gramática portuguesa*. 39ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves.

- RODRIGUES, A. C. de S. (1987). *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. USP, São Paulo. 259p. Dissertação de Mestrado, inédito.
- ROUSSEAU, P. & SANKOFF, D. (1978). Advances in variable rule methodology. In: SANKOFF, David. (ed.). *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press. p.57-68.
- PONTES, E. S. L. (1987). *O tópico no português do Brasil*. São Paulo, Pontes, 1987. 169p.
- POPLACK, S. (1980). The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William. (eds.). *Locating language in time and space*. Philadelphia, University of Pennsylvania. P.55-67.
- SANKOFF, David. (1979). *VARBRUL 2S*. Programa não publicado e não documentado.
- SANKOFF, D. (1988). Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTHEIER, Klaus J. (eds.) *Sociolinguistics - An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York, Walter de Gruyter. p.984-998.
- SARAIVA, M. E. F. & BITTENCOURT, V. de O. (1990). A concordância verbal em estruturas com SN complexo no português: um caso de interferência de fatores metonímicos e metafóricos. In: PONTES, Eunice (org.) *A Metáfora*. Campinas, UNICAMP. p. 91-114.
- SCHERRE, M. M. P. (1978). *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. PUC, Rio de Janeiro. 158p. Dissertação de Mestrado, inédito.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Reanálise da concordância nominal em português*. UFRJ, Rio de Janeiro. 554p. Tese de Doutorado, inédito.
- \_\_\_\_\_. (1991). A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon - A variação no português do Brasil*. Porto Alegre, UFRGS-Instituto de Letras, 18(5):52-70.
- \_\_\_\_\_. (no prelo) Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: Silva, Giselle M. de Oliveira e & SCHERRE, Maria Marta Pereira. (orgs.) *Padrões sociolingüísticos - análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Série Universidade da Editora da UFRJ.
- SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. (1993). Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil. *Delta*. São Paulo, 9(1):1-14.
- \_\_\_\_\_. (1991). Marking in Discourse: Birds of a Feather. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press. 3(1):23-32.
- \_\_\_\_\_. (1992). The serial effect on internal and external variables. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press. 4(1):1-13.
- SCHERRE, M. M. P.; ALMEIDA, E. M. & AZEVEDO, G. H. R. de. (no prelo). A concordância verbal em construções de sujeito complexo e/ou coordenado. I Congresso Internacional da Faculdade de Letras - UFRJ/Rio de Janeiro. *Anais*.

<sup>1</sup> Discussões mais detalhadas a respeito da noção de coesão e todas as suas implicações podem ser vistas em meu texto de 1988 e em Cornish (1986).

<sup>2</sup> Em recente artigo, Lobato (1994) levanta a hipótese de que a influência das variáveis posição e classe gramatical, bem como a da variável função, que só tem relevância estatística na análise atomística, e da a

---

variável marcas precedentes possam ser interpretadas de foma mais generalizante à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros. No presente momento, não objetivo discutir a proposta de Lobato para a interpretação dos resultados de minha pesquisa, o que farei num momento oportuno.